

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos
**A SOCIOLINGUÍSTICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES
PARA OS AVANÇOS NO ENSINO DE LP**

Elisangela Ferreira Gomes Dornelas (UENF)

elisangeladornellas@hotmail.com

Roberta Santana Barroso (UENF)

robertasbf@hotmail.com

Edilaine da Silva Freitas (UENF)

edilainefreitas_21@hotmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)

elinafff@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade refletir sobre a sociolinguística e suas contribuições para o estudo da língua bem como sua relação com a sociedade, enquanto ciência autônoma e interdisciplinar e os seus benefícios para a educação, em especial, para o ensino de Língua Portuguesa. Ainda se discorre sobre as premissas que aplainaram esse caminho, sendo elas, o relativismo cultural e heterogeneidade linguísticas, ambas tratam de duas particularidades da língua, heterogênea e mutável, valendo-se de recursos de variações. É um trabalho metodologicamente estruturado por uma pesquisa bibliográfica, composta de fontes teóricas que embasam a importância da Sociolinguística e evidenciam sua aplicabilidade. Constatou-se que a Sociolinguística se tornou grande aliada no processo de ensino e que o estudo da língua é vital para a convivência humana e para a aprendizagem.

Palavras-chave:

Ensino. Língua. Linguagem. Sociedade. Sociolinguística.

ABSTRACT

This article aims to reflect about Sociolinguistics and its contributions to the language study as well as its relationship with society, as an autonomous and interdisciplinary science and its benefits for education, especially for the Portuguese teaching. It is still discussed about the premises that flattened this path, namely, cultural relativism and linguistic heterogeneity, both dealing with two peculiarities of the idiom, heterogeneous and mutable, making use of resources of variations. It is a methodological work structured by a bibliographical research, composed of theoretical sources that underlie the importance of Sociolinguistics and show its applicability. It has been found that Sociolinguistics has become a great ally in the teaching process and that language study is vital for human coexistence and learning.

Keywords:

Idiom. Language. Society. Sociolinguistics. Teaching

1. Introdução

O ser humano como sujeito social ativo em sua necessidade constante de comunicação e interação com o outro e com o meio utiliza-se da linguagem, materializada pela língua. Nesse sentido, a língua se encontra em constante mudanças juntamente com a sociedade, posto que é viva, heterogênea e mutável e que conta com variações ocorridas durante toda a sua existência.

Outrossim, existe a necessidade de estudar a língua falada/sinalizada em seu contexto social, aliás, as dúvidas sobre ela não nasceram recentemente e aprofundam-se com o passar do tempo. Assim, surgiu a Linguística e suas ramificações para dar conta dessa amplitude. Dentre elas, uma de suma importância é a Sociolinguística que contribuiu para os avanços no estudo da língua materna com base nas teorias variacionistas de Labov.

As pesquisas realizadas pela Sociolinguística atestam que é possível desenvolver práticas significativas de linguagem no sentido de incluir discentes das classes sociais menos favorecidas, fazendo com que se sintam pertencentes à escola e deixem de ser estrangeiros da língua utilizada em sala de aula. E assim participem ativa e significativamente nas atividades escolares. O estudo e conhecimentos advindos dessa corrente podem contribuir para melhorar o ensino da Língua Portuguesa no Brasil, pois visa a realidade linguística de seus usuários, levando em conta fatores internos e externos. A Sociolinguística auxilia no entendimento dessas variações da língua e servem de suporte para a reformulação de métodos de ensino nas escolas brasileiras.

Sendo assim, levanta-se a seguinte questão-problema: Como o nascimento da Sociolinguística como ciência autônoma e interdisciplinar contribuiu para o estudo da língua e trouxe benefícios para o ensino?

Para responder à questão-problema, foi necessário lançar mão dos procedimentos de pesquisa, realizou-se um levantamento de autores que dialogam com a ideia e corroboram com a concepção de importância da Sociolinguística para a sociedade e estudos em geral.

Esse artigo traz consigo como objetivo geral refletir sobre a Sociolinguística e suas contribuições. Traça-se a partir daí os seguintes objetivos específicos: 1) Relacionar linguagem, língua e sociedade; 2) Evidenciar a Sociolinguística e seu surgimento como uma ramificação da Linguística e como ciência autônoma e interdisciplinar; 3) Mostrar algu-

mas contribuições da Sociolinguística para o ensino, além de apresentar estratégias/propostas para o ensino de língua materna com base nos seus estudos.

2. Linguagem, língua e sociedade

A comunicação é uma necessidade inerente ao ser humano. Comunicar-se é algo vital para a sobrevivência e interação. A sociedade estruturada como tal seria impossível sem a existência da linguagem. A linguagem está em toda parte e, portanto, constitui-se como objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento. Sabe-se também que, sem ela, a vida humana não faria sentido e não haveria tantos avanços, mesmo assim, pode ser considerada pouco conhecida, afinal, saber falar uma língua não é sinônimo de saber tudo sobre a mesma. Langacker ressalta que “a linguagem é de importância central para várias teorias, porque a maioria de nossos pensamentos assume a forma linguística” (LANGACKER, 1972, p. 12).

O estudo da linguagem é extremamente importante, é preciso compreendê-la, pois ela está presente em todos os momentos e é responsável pela interação entre os homens. É interessante ressaltar que a linguagem é o que distingue os seres humanos dos animais, ela pode ser considerada fonte da vida humana e do poder.

Langacker afirma:

Finalmente, um estudo acurado da linguagem é importante simplesmente porque ninguém pode ser considerado realmente culto se não tiver um bom conhecimento sobre o instrumento de grande parte de sua instrução. Uma vez que a linguagem participa virtualmente de todas as atividades humanas e é central em muitas delas, um conhecimento a seu respeito dificilmente poderá ser considerado periférico. (LANGACKER, 1972, p. 13)

É por meio da linguagem que o ser humano constrói e desconstrói a relação com a natureza e com outros de sua espécie, portanto, língua e sociedade não podem ser concebidas uma sem a outra. É mais comum associarmos o termo linguagem ao processo comunicativo, como, linguagem corporal, dos sinais, das artes, dos animais, das escritas e outros. Seguindo esse raciocínio, as línguas maternas, naturais, entre elas o português, são mecanismos de linguagem, pois possibilitam o processo comunicativo entre os integrantes de uma comunidade.

Segundo Langacker, “o volume esmagador de conhecimentos

humanos é guardado e transmitido pela linguagem. A linguagem é de tal modo, onipresente que a aceitamos e sabemos que sem ela a sociedade, tal como a conhecemos, seria impossível” (LANGACKER, 1972, p. 11). Outrossim, para os linguistas, a linguagem é uma habilidade de comunicação que apenas os seres humanos possuem. Definem também a língua como um conjunto de signos vocais utilizados no processo comunicativo entre os membros de um grupo social ou comunidade. O linguista não é um conhecedor de várias línguas, mas um pesquisador – estudioso que busca compreender o fenômeno da linguagem, de como o processo comunicativo ocorre, e como essas línguas são estruturadas.

A linguagem é essencial para a vida em sociedade. É através dela que interagimos com nossos semelhantes. Cada grupo social possui sua maneira de falar que está ligada ao seu comportamento. A língua varia a partir da necessidade de seus usuários em buscar titulação para novos objetos, novos conceitos que são importantes a para relação social. Ela não existe sem processo comunicativo. Para que haja comunicação eficiente é preciso levar em conta todo o processo de contextualização da oralidade, assim como também, as variações da linguagem. De maneira que não existe “o certo e o errado” na oralidade; existe “o coerente e o incoerente”. O que irá identificar tal situação é o indivíduo e o contexto comunicativo – razões que levam Gamachoa afirmar como a linguagem é, em última análise, um fenômeno natural, fica claro para um sociolinguista, que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico (GAMACHO, 2007, p. 50).

3. *A Linguística e a Sociolinguística como ciências autônomas e interdisciplinares*

O estudo e as curiosidades sobre a língua existem há tempos, segundo Langacker, “o estudo da linguagem tem uma longa história, embora a linguística tal como a conhecemos tenha começado a existir principalmente a partir da metade do século passado” (LANGACKER, 1972, p. 15). Isso é fato, mas somente a partir de Saussure, linguista suíço, considerado o pai da Linguística Moderna, é que se definiu o objeto de estudo tal qual temos hoje. Ele ministrou cursos na Universidade de Genebra nos quais apresentou suas ideias acerca da ciência da linguagem. Os discípulos de Saussure fizeram anotações que posteriormente foram organizadas e publicadas em sua obra mais importante o Curso de

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Linguística Geral, cuja primeira edição é de 1916. Essa produção foi grande influenciadora dos rumos seguidos pelos estudos linguísticos.

Os manuais de história da linguística costumam apresentar Ferdinand Saussure (1857-1913) como pai da linguística moderna, entendendo por linguística moderna os estudos sincrônicos praticados intensamente durante o século XX em contraste com os estudos históricos, que predominaram no século anterior. (FARACO, 2005, p. 27)

Saussure foi um divisor nos estudos linguísticos e, após suas contribuições, o estudo da língua adquiriu uma nova perspectiva. Ele consolidou a ideia de que a língua poderia ser estudada “em si mesma e por si mesma”, antes disso, estudava-se fatos da língua levando em consideração a mudança histórica desses fatos e a apresentação a partir da descrição e da comparação das diferentes formas de uma mesma expressão ou estrutura sintática, ou seja, comparando-as ao longo do tempo. Ele não achava inútil os estudos históricos, apenas acreditava que seria mais viável separar as duas formas de analisar a língua: diacronia e sincronia. É importante ressaltar que os estudos sincrônicos não ocuparam seus espaços imediatamente. Segundo Faraco, o real impacto do Curso começou a surgir apenas no fim da década de 20, a partir de alguns congressos ocorridos em Haia (1928); Praga (1929 e 1930). Os estudos saussurianos não romperam totalmente com os estudos anteriores.

Faraco corrobora:

Embora à primeira vista haja no gesto de Saussure uma ruptura com o modo de fazer linguística do século XX, podemos também pensá-lo como um gesto de continuidade. O que ele fez (e não é pouca coisa, evidentemente) foi dar consistência formal à velha intuição de que as línguas humanas são totalidades organizadas. (FARACO, 2005, p. 28)

Os estudos saussurianos não inauguraram a ideia de que as línguas humanas são totalidades organizadas. Essa intuição percorreu todo o século antes dessa divisão. Outros linguistas anteriores a Saussure já concebiam a língua como organismo vivo e como instituição social. Faraco ainda afirma que “a novidade da linguística do século XIX está em dar caráter sistemático para o trabalho de comparação gramatical e estabelecer, depois, a tese de que correlações sistemáticas apontam para origem comum” (FARACO, 2005, p. 29). Na verdade, a linguística surge como ciência já no fim do século XVIII quando um juiz inglês, William Jones, entra em contato com o sânscrito e começa a perceber as semelhanças entre as línguas e sugerir que elas teriam uma origem comum, isso desencadeou na Europa um movimento de estudos comparativos e históricos.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Por meio desse desenvolvimento investigativo, agrupou-se uma vasta quantidade de dados e se incorporou ao pensamento, de modo sistemático, o princípio de que as línguas mudam no tempo; de que é possível relacionar grupos de línguas por terem elas uma demonstrável origem comum; e de que até é possível reconstruir, por comparações e inferências, vários aspectos desses estágios anteriores não documentados. (FARACO, 2005, p. 30)

É inegável que os estudos históricos comparativos da língua foram muito importantes para atingirmos o estágio atual. Também é interessante ressaltar que para utilizar a língua com sucesso e se fazer entendido não há necessidade de conhecer ou dominar a história dela, mas para entender alguns fatos linguísticos e perceber que não são exceções, por vezes, é preciso recorrer à diacronia. A questão é que essa vertentedia-crônica sozinha não daria conta dessa amplitude que é a língua: viva e mutável. A partir dos estudos de Saussure, define-se a língua como objeto de estudo da Linguística, para tanto, distingue-se a “*langue* da *parole*”, ou seja, a língua da fala.

Saussure celebra a *langue*, ou língua, como um sistema social compartilhado entre os falantes, o qual é depositado virtualmente nos cérebros dos membros de uma comunidade Linguística. Pare ele, a *langue*, um sistema social, único e homogêneo, decorrente de um contrato implícito estabelecido entre membros de uma comunidade, seria o verdadeiro objeto de estudo da Linguística no plano da diacronia, porque não absorveria as inteferências exteranas da *parole*, cuja heterogeneidade e liberdade de uso pelos falantes comprometeriam um estudo diacrônico coeso. Assim, a *langue*, um sistema fechado de signos privilegiados pelos seguidores de Saussure, passou a ser o foco de atenção dos estudos linguísticos. (MARTINS, 2017, p. 127)

Fiorin (2013) acrescenta que “o objeto empírico da Linguística é a linguagem”, ou seja, a forma de se comunicar por meio dos signos utilizadas pelo homem e que “o objeto teórico da Linguística é a língua”, considerado o produto social da faculdade da linguagem (FIORIN, 2013, p. 46). Para Saussure, “a língua não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial, dela” e “é um sistema de valores” (SAUSSURE *apud* FIORIN, 2013, p. 47-48). Defendia também que os fatos da língua devem ser explicados por si só e não procurados fora da língua, pois é possível encontrar explicações apenas com bases nas causas exclusivamente linguísticas. Esse sistema definido por Saussure estabelece correlações para a organização do pensamento.

Podemos, então, conceber as unidades linguísticas como entidades de dupla face ou signos, que têm como propriedade fundamental o estabelecimento de uma relação entre um plano de expressão e um plano de conteúdo. O plano de expressão do signo linguístico costuma também ser de-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

nominado, segundo a tradição da lingüísticaestruturalista de Ferdinand de Saussure, de *significante*. O plano de conteúdo do *signo*, segundo esta mesma tradição, é também denominado de *significado*. (MAIA, 2006, p. 55)

O estudo da língua tornou-se tão importante que além das diversas áreas que adotaram a língua como objeto de estudo, surgiram subáreas da linguística para dar conta de todas as demandas e mudanças ocorridas. Dentre elas, a Sociolinguística que é uma ramificação da Linguística e tem seu surgimento oficial também a partir do século XX, embora no século anterior vários linguistas já desenvolvessem trabalhos dessa natureza. Segundo Faraco, já no século XIX, Whitney formulava a ideia de que a língua é uma instituição social (FARACO, 2005, p. 28). Enquanto ciência autônoma e interdisciplinar, ela desponta apenas a partir de 1960 com Labov.

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala. Voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA, 2003, p.9)

Mollica acrescenta a respeito afirmando que todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas (MOLLICA, 2003 p. 9). Tal afirmação confirma o que já é sabido sobre a língua e é comprovado pelo português falado no Brasil, os falantes dominam a língua a qual fazem uso, comunicam-se com maestria, mesmo sem ter tido contato com a gramática normativa e o fazem de diferentes formas.

Para Camacho, “o que a Sociolinguística faz é correlacionar as variações existentes na expressão verbal a diferenças de natureza social, entendendo cada domínio, o linguístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares” (CAMACHO, 2004, p. 50). O foco está em analisar a linguagem em seu contexto social e mostrar que há regularidade e sistematicidade na variação da fala inerente ao sistema linguístico.

São muitas as áreas de interesse da Sociolinguística: contato entre línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança constituem temas de investigação na área. [...] A linguística volta-se para todas as comunidades com o mesmo interesse científico e a Sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos sócio-culturais a comunidades maiores. Se cada grupo apresentasse comportamento linguístico idêntico, não haveria razão para se ter um olhar sociolinguístico da sociedade. (MOLLICA, 2003, p. 10)

Labov, importante linguista norte-americano, que ficou conhecido como fundador da Sociolinguística variacionista, desenvolveu um princípio básico de que a língua sofre variações e só deve ser analisada levando em consideração sua relação com meio social no qual está inserida. Esse princípio confirma a ideia de que a língua é heterogênea, viva e dinâmica e está em constante mudança.

Labov *apud* Camacho corrobora:

A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está de fato prova. É da existência de qualquer outro tipo de comunidade que se pode duvidar...a heterogeneidade não é apenas comum, é também no resultado natural de fatores linguísticos básicos. Alegamos que é a ausência de alternância de registro e de sistemas multi-estratificados de comunicação que seria disfuncional. (CAMACHO, 2004, p. 55)

Segundo Bortoni-Ricardo “os recursos de variação, que toda língua natural oferece, estão sistematicamente organizadas em sua estrutura e contribuem para tornar a comunicação entre os falantes mais produtiva e adequada” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 157). Isso reflete na heterogeneidade da língua. Com base nessa teoria, verifica-se que a variação linguística ocorre de acordo com a necessidade de comunicação e com o contexto no qual o falante está inserido, portanto, não deve ser estigmatizado por seu uso.

Segundo o relativismo cultural, nenhuma língua ou variedade de língua, em uso em comunidades de fala, deveria ser considerada inferior ou subdesenvolvida, não obstante o nível da tecnologia ocidental que aquela comunidade tenha alcançado. Já a heterogeneidade inerente e ordenada, que está na raiz da Sociolinguística, postula que toda língua natural é marcada pela variação, a qual não é assistemática. (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 157)

Um mesmo indivíduo, em momentos distintos, usa a linguagem de maneiras diferentes. Quando está em conversa com um amigo num bar, ou em casa com seus familiares, tende a utilizar uma variante mais informal, descontraída, carregada de gírias, uma linguagem mais simples. Já em situações de conversas profissionais com seu chefe, esse mesmo falante opta por utilizar uma linguagem mais formal, culta. É preciso adequar a oralidade ao contexto em ela será inserida (MARTELOTA, 2011, p. 10).

Essas mudanças são perceptíveis em vários momentos. Sempre há palavras que por não serem frequentemente utilizadas desaparecem, e ou-

tras surgem para nomear novas atividades, novos aparelhos. Como por exemplo: a palavra “ósculo” que caiu em desuso, poucos sabem que esta palavra tem o mesmo significado que “beijo”; que hoje já tem como sinônimo a palavra “selinho”; que até pouco tempo era desconhecida. A palavra “deletar”, surgiu com a era tecnológica, era usada somente para se referir a um comando no computador. Hoje, esta palavra pode ser usada em diferentes contextos, e possui o mesmo significado que o comando do computador “apagar, excluir”.

Desse modo, podemos dizer que as línguas variam e mudam ao sabor dos fenômenos de natureza sociocultural que caracterizam a vida na sociedade. Variam pela vontade que os indivíduos ou os grupos têm de se identificar por meio da linguagem e mudam em função de se buscar novas expressões para designar novos objetos, novos conceitos ou novas formas de relação social. (MARTELOTA, 2011, p. 9)

A Linguística como ciência autônoma e interdisciplinar colaborou para diversos estudos e descobertas sobre a língua. A Sociolinguística surge como uma de suas subáreas e ocupa lugar de destaque por considerar a linguagem diretamente ligada a um comportamento social. Essas duas ciências são de suma importância para a compreensão mais profunda do que é a língua, de como ela funciona e como é sua estrutura, além de mostrar que a linguagem e a sociedade caminham juntas.

4. *As contribuições da Sociolinguística no ensino*

O Ensino evolui a passos lentos, ainda está preso ao parâmetro tradicional. Mesmo com todos os avanços nas diversas áreas e com a tecnologia dominando o nosso mundo, ainda, observa-se que em termos educacionais encontra-se atrasada, com metodologias e pensamentos do século passado. Há um ensino de língua materna pautado apenas na transmissão da gramática normativa, pois os professores, apesar de já saberem ou terem ouvido falar que esse não é o melhor caminho, não se sentem seguros para aplicar as novas metodologias. Infelizmente, a divulgação de pesquisas nesse campo é limitada, pois os mesmos professores que realizam pesquisa de ponta se limitam, em seus cursos de graduação, a transmitir aos estudantes os postulados canônicos das diferentes disciplinas, sem renová-las com dados mais recentes, sem submetê-las a crítica, sem propor conceituações renovadas (BAGNO, 2005, p. 65).

É visto que o ensino da Língua Portuguesa muitas vezes não está aliado às diversidades linguísticas evidenciando o ensino da língua ma-

terna como se esta fosse algo estático, puro, homogêneo, uniforme ou até mesmo intocável como defendem muitos gramáticos. Na verdade, a Língua Portuguesa, como todas as outras línguas humanas, precisa ser melhor compreendida, passível de variação e mudança, que sofre a influência de vários fatores linguísticos e não linguísticos.

Bagno ressalta que “ num cenário como esse, o desenvolvimento da proficiência oral e escrita do aluno não é o objetivo primordial” (BAGNO, 2005, p. 65), sendo assim, o que deveria ser considerado como prática escolares da área são encaradas apenas como objeto de ensino, ou seja, o enfoque das aulas de Língua Portuguesa não tem sido leitura, produção e reflexão sobre a língua. Essa problemática tem sua raiz na formação dos professores, esses saem despreparados para lidar com a atual realidade educacional.

Bagno ainda afirma:

Muitos são os estudantes que se graduam em Letras sem jamais terem ouvido falar, em sua formação, de pragmática linguística, de análise do discurso, de linguística textual, de análise da conversação, de letramento, de gramaticalização, de gêneros textuais e de outras áreas de investigação que, paradoxalmente, se encontram em plena ebulição nos centros de pesquisa das grandes universidades brasileiras. Outros campos de estudo, como a sociolinguística e a semântica, que chegam a constituir, em alguns casos, disciplinas com esses mesmos nomes, são abordados de forma esquemática e pouco instigadora. Todas essas áreas de estudo, no entanto, são de fundamental importância para a formação de docentes capazes de promover a plena educação linguística de seus alunos. (BAGNO, 2005, p. 66)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) contemplam a ideia já citada anteriormente de que em um mesmo espaço social convivem diferentes variedades linguísticas (padrão e não-padrão), geralmente associadas a diferentes valores sociais. A questão é que apenas isso não é suficiente para haja mudanças nas metodologias de modo que as variedades sejam respeitadas, valoradas e utilizadas.

A língua portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. O aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes. Certamente ele é capaz de perceber que as formas da língua apresentam variação e que determinadas expressões ou modos de dizer podem ser apropriados para certas circunstâncias, mas não para outras. (PCN, 1999, p. 35)

Conforme Bagno o preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários (BAGNO, 1999, p.40). É notória a discriminação que os alunos usuários das variantes populares sofrem nas escolas em função da ideia de que só pode ser considerado português legítimo aquele com base na “norma-padrão”.

A Sociolinguística Educacional, uma subárea da Linguística, que no Brasil é estudada por Stella Maris Bortoni-ricardo, em seus estudos busca melhorar de maneira significativa, o ensino da língua materna voltada para as questões dos fenômenos da língua em seu uso. Além de pesquisar como as variantes da língua são trabalhadas em sala de aula, a sociolinguística educacional se propõe a investigar como se dá o processo de ensino e aprendizagem da linguagem e a que classes sociais estes falantes fazem parte, pois pressupõe-se que os falantes de classes mais favorecidas, fazem o uso das variantes de prestígio de forma mais recorrente. Permitindo aos falantes da camada social tida como estigmatizada, as chances de lutar pela sua cidadania, com os mesmos recursos que sempre estiveram à disposição da classe privilegiada.

De acordo com Bortoni-Ricardo há dois princípios nos quais a Sociolinguística se pauta e que devem ser analisados para as mudanças no contexto de sala de aula: o relativismo cultural e a heterogeneidade linguística inerente e sistemática.

Segundo o relativismo cultural, nenhuma língua ou variedade de língua, em uso em comunidades de fala, deveria ser considerada inferior ou subdesenvolvida, não obstante o nível da tecnologia ocidental que aquela comunidade tenha alcançado. Já a heterogeneidade inerente e ordenada, que está na raiz da Sociolinguística, postula que toda língua natural é marcada pela variação, a qual não é assistemática. (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 157)

A Sociolinguística Educacional veio para mudar esse quadro, pois tem como foco a realidade linguística de cada usuário, objetivando considerar tanto fatores internos como externos da língua. O ideal para o contexto de sala de aula é que o aluno se sinta à vontade para se expressar e não que se sintam estrangeiros na própria casa. O ensino deve colaborar para que os alunos tenham conhecimentos linguísticos diversos e saibam usá-los adequadamente de acordo com a necessidade de comunicação. É necessário aprender a conviver e a lidar com as variações, levando em conta além dos fatores internos à língua (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica) também os fatores de ordem externa à língua (sexo, etnia, faixa etária, origem geográfica, situação econômica, escolaridade, história, cultura, entre outros.).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

É possível desenvolver práticas de linguagem significativas conforme mostram pesquisas realizadas pela sociolinguística e possibilitar a inclusão dos alunos falantes das variantes populares para que deixem de se sentir estrangeiros em relação à língua utilizada na escola.

Nós, educadores, temos de nos debruçar sobre a complexidade desses fatores envolvidos na compreensão socialmente predominante em matéria de língua; precisamos incorporar em nossas reflexões o tema do imaginário constitutivo dos modos como a sociedade aprende as questões da língua. Isso tudo para, entendendo melhor esses mecanismos sociais que dão sentido à língua, sejamos capazes de descobrir maneiras de fazer frente a eles crítica e produtivamente. (FARACO, 2015, p. 30)

Para que se evolua nesse sentido, é necessário que haja mudanças desde a formação dos profissionais de educação, especialmente os referentes ao ensino de Língua Portuguesa a fim de que se possa levar em consideração a variação linguística, respeitando os vários falares dos alunos. Os professores devem ter contato com as pesquisas e propostas com base na Sociolinguística para tornar os alunos mais competentes quanto aos diversos usos da língua.

Sendo assim, Faraco ratifica:

Não é mais possível continuar rechaçando pura e simplesmente a nossa realidade linguística. Ela não está pedindo condenação, mas explicação. Trata-se, portanto, de compreendê-la, de incorporá-la a nossas preocupações político-pedagógicas e de avançar na construção de uma pedagogia que seja capaz, de fato, de dar acesso à expressão culta sem demonizar as expressões ditas populares. (FARACO, 2015, p. 26).

É importante ressaltar que os estudos sociolinguísticos têm impactado na Educação. Já é possível observar algumas pequenas mudanças nos livros didáticos e na visão de alguns professores. Visto que já existem professores que estão atentos às produções de seus alunos e ainda buscam meios de incentivá-los, tentando ajustar de forma a respeitar seus dialetos e estimulando as possibilidades linguísticas sem constranger ou diminuir. Cyranka afirma que “cabe ao professor reconhecer, na linguagem, esse instrumento de libertação e ampliar as competências linguísticas dos alunos, a partir daqueles com que eles chegam à escola, sem negá-las, mas reconhecendo nelas importante aquisição já consolidada. Isso constitui uma decisão fundamental” (CYRANKA, 2015, p. 34).

Bortoni-Ricardo (2014, p. 163-5) considera que há algumas tarefas que podem ser subsidiadas pelos estudos linguísticos como: desenvolvimento de recursos para facilitar a integração entre a língua oral e as competências desenvolvidas na escola; atenção para a transição fala, lei-

tura e escrita; interação de informações de textos de gêneros distintos (orais e escritos); produção de textos orais anteriores ao escrito. Essas práticas devem ser incorporadas ao ensino de Língua Portuguesa, assim como em outras disciplinas a fim de aproximar o aluno das oportunidades de aprendizagem. O ambiente escolar deve ser acolhedor, transformador. Dessa forma, o preconceito linguístico terá fim e haverá ampliação de conhecimentos; as aulas serão tomadas por uma vasta reflexão sobre a língua, seus usos e variações; as práticas de leitura e escrita serão estendidas resultando numa formação integral e contínua.

5. Considerações finais

A língua portuguesa é viva e heterogênea, portanto, está sujeita a mudanças e variações, e influência de fatores linguísticos e não linguísticos. Isso significa que a língua se encontra em processo de variação permanente, e que manifesta a diversidade dos grupos que a utilizam. Essa variação sempre existirá entre os seus usuários de diferentes culturas e grupos sociais que utilizam a língua como forma de comunicação entre si.

As reflexões acerca da aplicação dos estudos sociolinguísticos educacionais voltados para o ensino de Língua Portuguesa não se esgotam, sendo mister para os dias atuais um ensino que valorize o que cada sujeito traz consigo e que o mesmo, em contexto escolar, seja valorizado em sua fala e escrita conforme as variações existentes no contexto social em que está inserido.

Este estudo evoca a necessidade de respeito e valorização da a realidade da fala dos sujeitos diante o ensino da língua materna, no seu contexto social, aspecto que pode ser levado à sala de aula para o estudo do uso da língua em sua dinamicidade.

Resta-nos a satisfação de conhecer e levar para as nossas salas de aulas a Sociolinguística, dando voz ao nosso aluno, conscientizando-o dos mais diversos usos da língua, com a sua gama de variações e seus contextos de usos. Isso é facilitado com o conhecimento teórico e, ainda, com a oportunidade de alinhá-lo a nossa prática.

O professor nesse contexto torna-se mediador do processo de ensino-aprendizagem, não sendo mais considerado o detentor do saber. O aluno é o centro de todo o fazer pedagógico. É a partir dele que surgirão temas que nortearão toda a proposta de ensino. Sendo assim, com base

nas teorias sociolinguísticas, o professor adaptará suas aulas à nova realidade, tornando o ensino mais eficaz e significativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O impacto da sociolinguística na educação. In: _____. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 157-167.

BAGNO, Marcos. Tarefas da educação linguística no Brasil. In: *Rev. Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 5, n. 1, 2005. p. 63-81

BAGNO, Marcos. *Preconceitos linguístico: o que é, como se faz*. 47. ed. São Paulo: edições Loyola, 1999.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIM E BENTES F. A. C. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2004.

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. A pedagogia da variação linguística é possível? In: ZILLES, Ana Maria Stall; FARACO, Carlos Alberto (Orgs.). *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, p. 31-51, 2015.

FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, Fernanda. Bentes, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística*. V. 3. 2. ed., São Paulo: Cortez, 2005. p. 27-42

FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (Org.). *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015. p. 19-30.

FIORIN, José Luiz (Org.). *Linguística? Que é isso?*. São Paulo: Contexto, 2013.

LANGACKER, Ronald W. *A linguagem e sua estrutura*. São Paulo: Vozes, 1972.

MARTELOTA, Mário Eduardo. *Manual de Linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

MARTINS, Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltronieri. A escola socio-cognitiva e seus preceitos. In: *Linguística em perspectiva: cognição e ensino de língua e literatura*. Campos dos Goytacazes-RJ: Brasil Multicul-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tural, 2017. p. 112-31

MAIA, Marcus. *Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área da linguagem*. Brasília: MEC/UNESCO, 2006.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.